

sou onde estou

Percorso expográfico de
construção da memória
coletiva do lugar

sou onde estou

Percorso expográfico de construção
da memória coletiva do lugar

Louise Trevisan Aguiar

Trabalho Final de Graduação apresentado à
Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da
Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Orlando Fudaba Curcio

São Paulo, 2022



agradecimentos

À todas as mulheres trabalhadoras
a minha volta.

Aos meus pais por sempre
valorizarem o estudo.

Ao Mario, por me levar
aos seus lugares.

À Aline, Mari e Lari, aquelas que me
fazem ter saudades da faculdade.

“Eu moro na cidade,
e a cidade mora em mim”

Juhani Pallasmaa

resumo

Em um intenso exercício de pensar como e com o que eu dedicaria esse que é meu último trabalho na graduação, me vi com imensa vontade de entender mais de mim. O quanto dessa cidade sou eu? O quanto, na verdade, cada indivíduo é a cidade e o quanto a cidade faz parte de cada um de nós tem sido minha curiosidade.

Habitamos vários lugares, mas escolhi aqui o recorte desse lugar de onde eu vim, o bairro do Parque São Lucas, na zona leste de São Paulo. É esse o lugar em que minha família habita há três gerações.

Esse trabalho tem como objetivo dar forma às memórias desse lugar. Resgatá-las para o seu espaço físico por meio de um projeto de intervenção no espaço urbano que permita às pessoas ter uma experiência de percepção e reflexão sobre as camadas do lugar que elas habitam.

Essa construção vem da leitura dos lugares a partir de experiências sensoriais e afetivas aliadas às bases de dados históricas e levantamentos pessoais do local. Como produto desse estudo, tem-se a elaboração de um percurso expográfico com início na estação São Lucas, da linha 15-Prata do Monotrilho da Zona Leste seguindo a caminhada pela avenida principal do bairro até a Igreja de São Felipe Neri, seu ponto mais alto.

In an intense exercise of thinking about how and what I would dedicate this, my last graduation work, I found myself with an immense desire to understand more about me. How much of this city am I? How much, in fact, each individual is the city and how much the city is part of each of us has been my curiosity.

We live in several places, but I chose here the neighborhood where I came from, Parque São Lucas, in the east side of São Paulo. This is where my family has lived for three generations.

This work aims to give shape to the memories of this place. Rescue them to their physical space through an intervention project in the urban space that allows people to have an experience of perception and reflection on the layers of the place they dwell. This construction will come from reading the places from sensory and affective experiences combined with historical databases and personal surveys of the place. As products of this study, there is the elaboration of an expographic route starting at São Lucas station, on line 15-Silver of the East Zone Monorail, following the walk along the main avenue of the neighborhood to the church of São Felipe Neri, its highest point.

abstract

sumário

Introdução

15

Essências

parte I

Habitar: ser no espaço 20

Lugar: memória e identidade 26

Sensibilidade

parte II

Experiência multisensorial 32

Cidade: espaço expositivo 36

Percepções

parte III

Contexto histórico 44

Caminho para casa 50

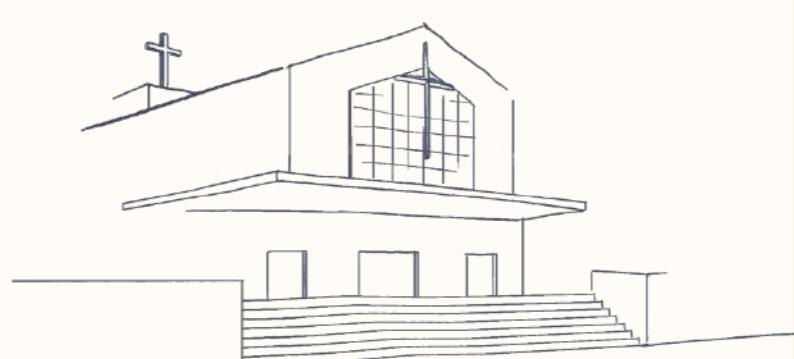
Intervenções na paisagem 72

Considerações finais

93

Referências bibliográficas

94



O contexto de criação desse trabalho é um espaço interessante na vida. Não há como negar a expressiva mudança que uma pessoa têm após os anos da faculdade. Some a isso os acontecimentos da vida pública entre 2016-2022 e terá o contexto desse cenário.

Ao fazer um balanço dessa experiência de imersão no conteúdo da arquitetura, uma coisa é certa: isso que fazemos é muito mais do que comumente se imagina. Acredito que com o amadurecimento pessoal e o início da vida profissional, entendi que podemos ser criadores de experiências. Construímos, canalizamos e moldamos os sentimentos que o indivíduo pode ter no espaço. O que mais gosto desse pensamento é que ele é fruto de uma grande experiência pessoal que um lugar me proporcionou, a fau usp. Hoje, parte da minha identidade se transformou em uma importante curiosidade pelas descobertas de novos lugares.

Após esses seis anos e todos os ensinamentos que a fau me proporcionou, reuni um questionamento. O quanto dessa cidade sou eu? O quanto na verdade, cada indivíduo é a cidade e o quanto a cidade faz parte de cada um de nós tem sido minha curiosidade.

introdução

Entendi que para responder isso, precisamos nos recolher a nossas raízes pessoais com o território. No filme que passa a sua mente ao pensar numa trajetória pessoal, os lugares são o pano de fundo de toda história. Não é curioso que ao nos apresentarmos ou conhecermos alguém novo, nosso nome vem muitas vezes seguido pelo lugar de onde somos?

Interessante também ver as variações de escala que essa aproximação tem. Dependendo da distância que aquele ouvinte tem do seu lugar, essa conversa pode ter diferentes destinos. Podemos ir desde “sou de São Paulo, lá da zona leste” até “ali próximo da Vila Prudente” algumas vezes para por aí, mas se encorajado por alguma familiaridade podemos chegar a uma escala bem próxima e as margens para referências bem específicas se ampliam.

Fica bem claro para mim que para chegar a algum lugar nessa pergunta partiria para o estudo das experiências desse lugar, que no meu caso se chama Parque São Lucas.

“ali na zona leste, entre a Vila Prudente e São Mateus, na linha do monotrilho”

Fazer-se presente nos espaços públicos, propondo formas de ocupar o território, é uma necessidade premente dos cidadãos. Deles surgem novas ideias e iniciativas espontâneas, nem sempre harmônicas, que tornam a cidade também um lugar de reivindicação, resistência e protesto.

MIRANDA, Danilo de. In: Espaço em obra, 2018

Uma exposição favorece a preservação da memória e do imaginário coletivo, pois os olhares sobre as coleções ou temas expostos propõem de forma sensível a construção de poéticas sensoriais, discussões e argumentações por parte dos diferentes públicos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu e turismo: estratégias de cooperação
In: ABREU, p.53.

Ao se fazer um registro de um local, há sempre a tentativa de caracterizá-lo e para tanto se procura fazer alguma alusão ao seu passado. Aqui, a construção da memória coletiva do lugar se fará no presente, ao exibir o território no próprio território, em uma tentativa de cativar a sensibilidade de cada um com seus *lugares* e chamar a atenção para a relevância do seu simples cotidiano. Assim, contar sua história e suas estórias não será consequência da vasculha somente do seu passado, mas sim da observação do presente.

Entender suas dinâmicas e transformações, colher as histórias e memórias dos que por ali construíram e habitaram é um exercício que se faz necessário. A preservação e o resgate da memória do espaço contribui para a manutenção coletiva e afetiva dele. Ao expor as camadas de história para todos do bairro em um percurso afetivo, o projeto leva a reflexão artística para fora do eixo central da cidade, questionando e restabelecendo o contato diário das pessoas com essa forma de apropriação do espaço.





Essências

parte I

Foto: Nelson Kon

O homem acha que é o senhor da linguagem,
mas a linguagem é que é senhora dele.

Achamos que somos os senhores da cidade,
mas é ela que nos domina, é ela que nos habita.
Não como um destino inexorável,
mas a cidade, o território,
sempre deixa marcas no sujeito.

Não habitamos porque construímos,
construímos na medida que habitamos.
É porque habitamos que podemos construir.

Habitamos um estádio de futebol,
uma ponte, uma represa,
sem que ali haja nenhuma residência.
As praças são lugares das cidades que
habitamos, sem que seja nossa residência,
mas pode ser nossa morada.

Sobre o pensamento de Heidegger em seu
ensaio intitulado “Construir, Habitar e Pensar”
publicado em 1952. Trecho transcrito dos
primeiros minutos do episódio “Globaliza-
ção e Fragmentação”, o primeiro da série “As
cidades e o indivíduo” do programa Café
Filosófico Expresso, da TV Cultura, fonte de
inspiração primária para esse trabalho. Essa
narração é acompanhada por um sobrevoo
no centro de São Paulo.



Foto: Nelson Kon

Habitar ser no espaço

Habitar é inerente ao ser humano. O homem habita a partir do momento que é um ser na Terra, e à medida que habita, ele constrói.

Esse pensamento se apoia em Heidegger, reconhecido existencialista alemão do séc. XX, que afirma “O homem é a medida que habita” (HEIDEGGER, 2012, p.127). Segundo o filósofo, construir não é em sentido próprio - apenas meio para uma habitação - construir já é em si mesmo o habitar. O homem, a partir do momento que é, constrói *lugares*, isto é, expressões do seu modo de ser no espaço. Ele constrói paisagens.

O habitar é então uma expressão humana e pessoal, feita de acordo com o vivido.

É reconfortante pensar a paisagem segundo definição de Hulda Wehlmann quando descreve em sua tese de doutorado o termo paisagem habitada como “paisagem enquanto experiência que (re)constrói o lugar” (WEHLMANN, p.127).

“A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar”

HEIDEGGER, 2012, p.137

Segundo a arquiteta, as paisagens são experiências de lugares construídos material e simbolicamente por seus habitantes. É a paisagem habitada que permite ao indivíduo viver como humano, para além da simples sobrevivência corporal. (WEHLMANN, p.127)

Em seu estudo sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo, Arthur Simões Cabral discorre sobre as reflexões de Jean-Marc Besse¹, acerca da paisagem entendida enquanto experiência fenomenológica. Segundo Arthur, frente à diversidade de entradas e enfoques pelos quais ela é abordada, a paisagem se oferece de formas distintas que mobilizam referências intelectuais próprias a cada área do conhecimento que dela se ocupa. Quando entendida como experiência fenomenológica, a paisagem é primeiro vivida e depois quando passada adiante pela palavra, por exemplo, procuramos sempre pelos elementos que fazem da paisagem uma experiência.

A ideia de que a paisagem é um processo também é apresentada por Hulda Wehlmann em sua análise ao texto “O pensamento paisageiro”². Segundo Augustin Berque, é geração após geração, por um labor contínuo que se deposita sobre a estrutura do solo, objetivo e físico, que as camadas de significado envolvem o território e sua apreciação levaria ao fenômeno da paisagem. (WEHLMANN, p. 120)

a paisagem surge sempre como uma relação entre aquele que a experiencia e o ambiente em que está inserido. Assumo um sentido específico desta relação: a paisagem seria a experiência estética do espaço de vida WEHLMANN, p.105

“A cidade tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’ tornando-a indissociavelmente ligada ao sentido do humano.”

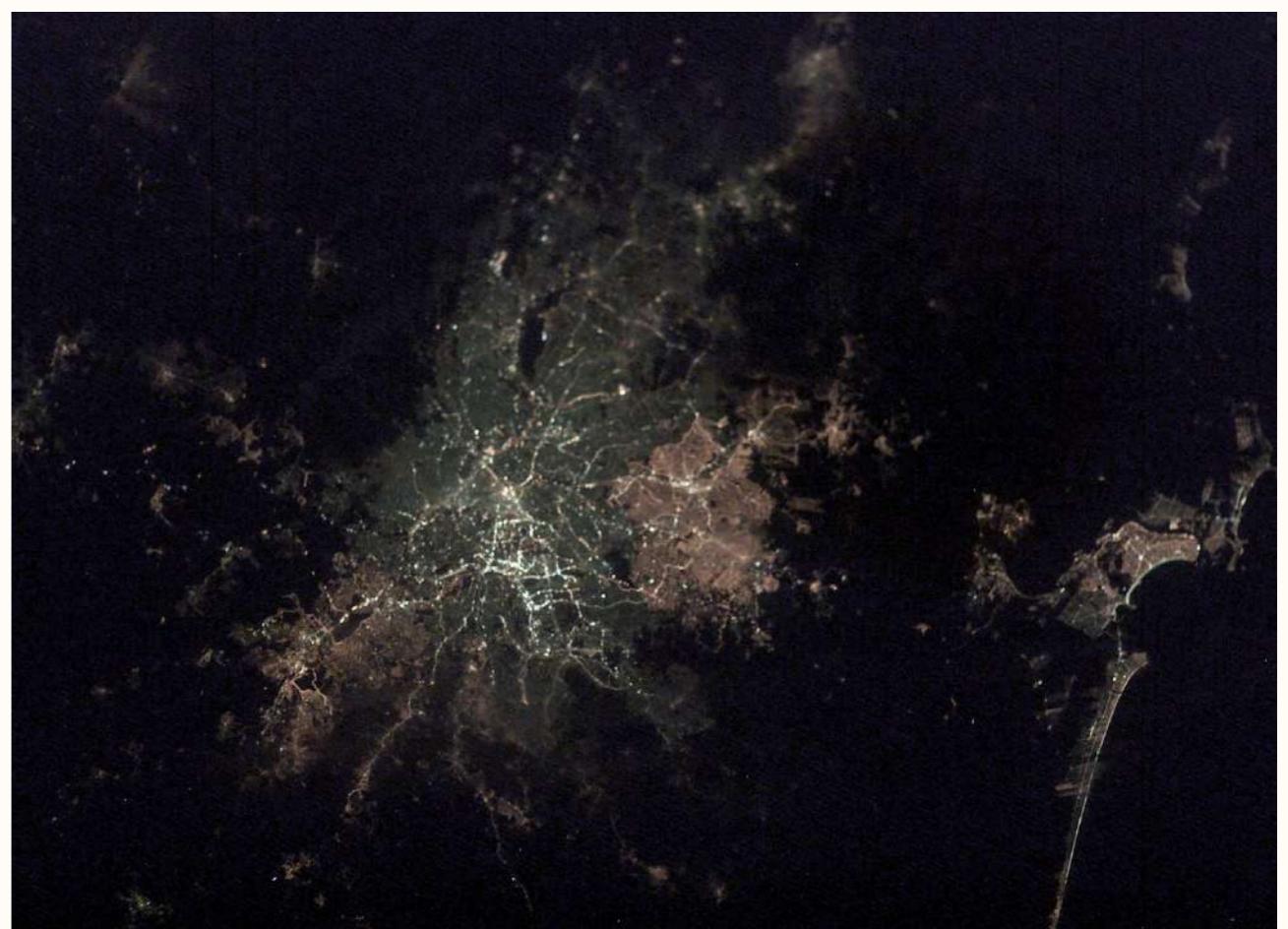
PESAVENTO, p.14

1. Jean-Marc Besse é filósofo e trabalha com a história e a epistemologia nas questões da paisagem na cultura contemporânea.

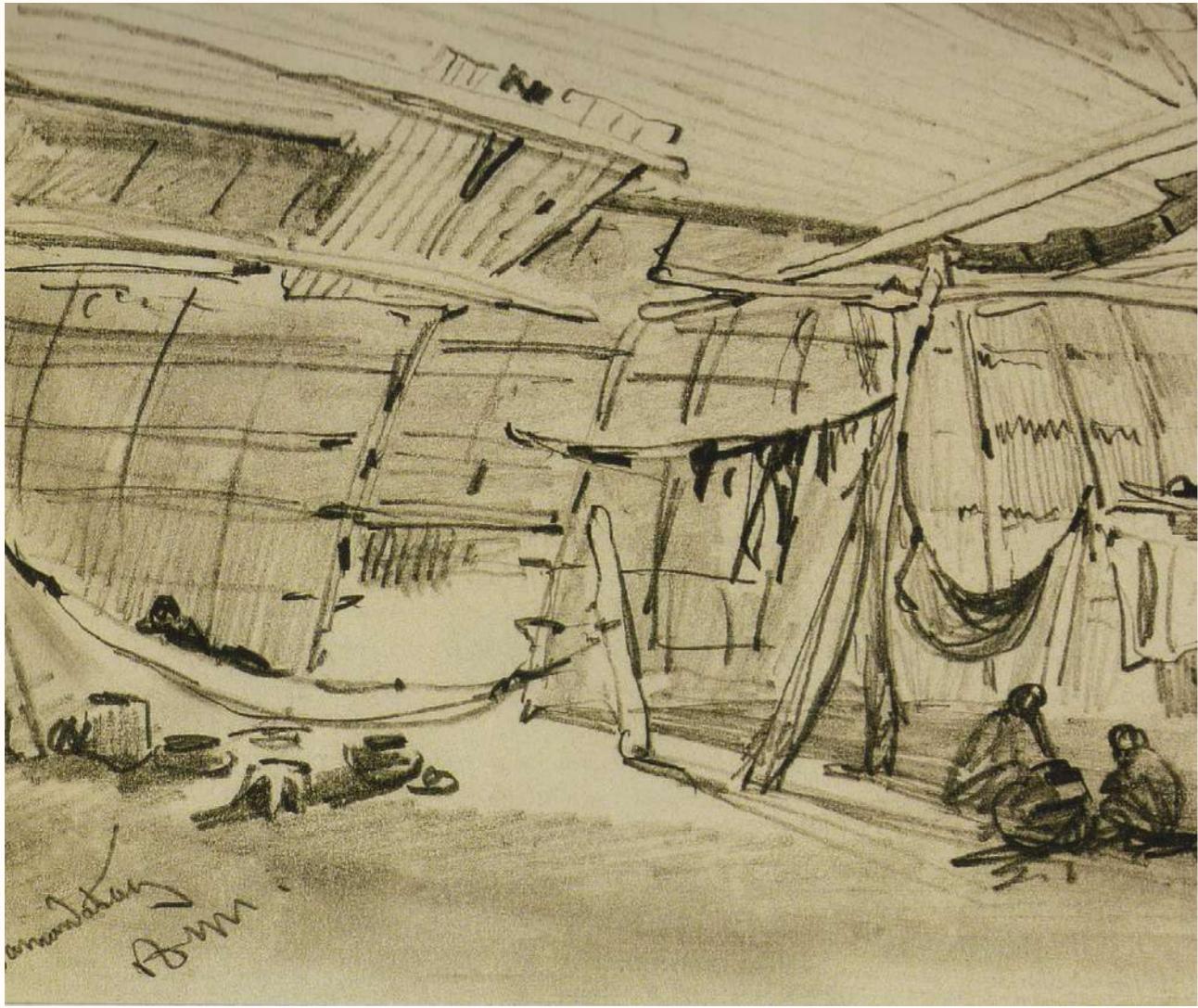
2. O pensamento paisageiro: uma construção mesológico, de Augustin Berque, geógrafo humanista que trilha um caminho de estudos a cerca da paisagem.

Experenciar a paisagem seria assim o acúmulo, cruzamento e interdependência das camadas simbólicas depositadas ao longo das gerações sobre o mundo envolvente que constitui a paisagem.

É interessante pensar a cidade como uma teia de infinitas experiências que cada um tem com o espaço que habita, como camadas que moldam aquilo que, em um ciclo, reverbera em cada um de nós na paisagem habitada.



Desenho de Eduard Hildebrandt,
Tamanduateí, 1844.
Fonte: SP450 Entre Lembranças e Utopias



Piso do Museu - FAU USP
Foto: Nelson Kon



Sentir o mundo não é mais antagônico a conhecer o mundo e a si mesmo, mas parte essencial do processo. É o tornar-se sujeito do mundo, no sentido tratado por Morin, quando diz que “ser sujeito é colocar-se no centro de seu próprio mundo, é ocupar um lugar, uma posição onde a gente se põe no centro de seu mundo para poder lidar com ele e lidar consigo mesmo”. Se a experiência da paisagem permite ao indivíduo ser sujeito, permite também que ao lidar ele possa reconstruí-lo poeticamente, possa habitá-lo, no sentido dado por Heidegger, e assim constituir-se.

WEHLMANN, p.127

Lugar memória e identidade

Fotos: autoria própria, 2022



Podemos pensar o lugar como o espaço portador de significado e memória. Busquemos aqui entender a memória como um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades, hoje em dia ainda mais na febre e na angústia”. (LE GOFF, 2013. In: LARA, p.02). A princípio, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo e próprio da pessoa, porém para entender sua implicação no território, é necessário vê-la como um processo de construção e comunicação social.

Ivan Izquierdo, importante cientista brasileiro, afirma que as pessoas tendem a viver em grupos, organizando-se em sociedades, pois não sabem viver isoladamente. Para isso, criam laços, buscam afinidades, memórias comuns e, a partir disso, criam uma identidade coletiva, uma memória social. (BORGES, p. 01)

Em seus estudos sobre a cidade e o patrimônio cultural, Camila de Brito Lara discorre em um ensaio sobre a importância da memória para a construção da identidade. Segundo ela, é a partir do início do século XX, com Maurice Halbwachs, que o conceito de memória passou a ser definido como um fenômeno social nas ciências humanas.

Segundo o sociólogo, a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social. “Ela se constrói à medida que as relações entre os indivíduos são estabelecidas pelas formas em que os mesmos interagem entre si, através dos aspectos socioculturais, como por exemplo, nos ambientes: familiar, profissional, político, religioso, dentre outros.” (LARA, p. 01)

Milton Santos afirma: o processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas (SANTOS, 2006, p.91). Entre estas heranças, está aquilo que torna o espaço habitável por representar as construções simbólicas do lugar. São elas que oferecem significado ao território.

O meio em que estamos inseridos é muito importante para que possamos nos reconhecer e nos auto-affirmar como indivíduos que possuem uma história de vida. Nos fazemos presentes no espaço através das heranças que deixamos nele, impressões da nossa forma de vida, nossas construções e nosso habitar. A identidade de uma pessoa é construída ao longo de sua vivência, estando relacionada não só às questões culturais e nossos hábitos, mas também a forma como nos apropriamos do espaço e de suas camadas.

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.

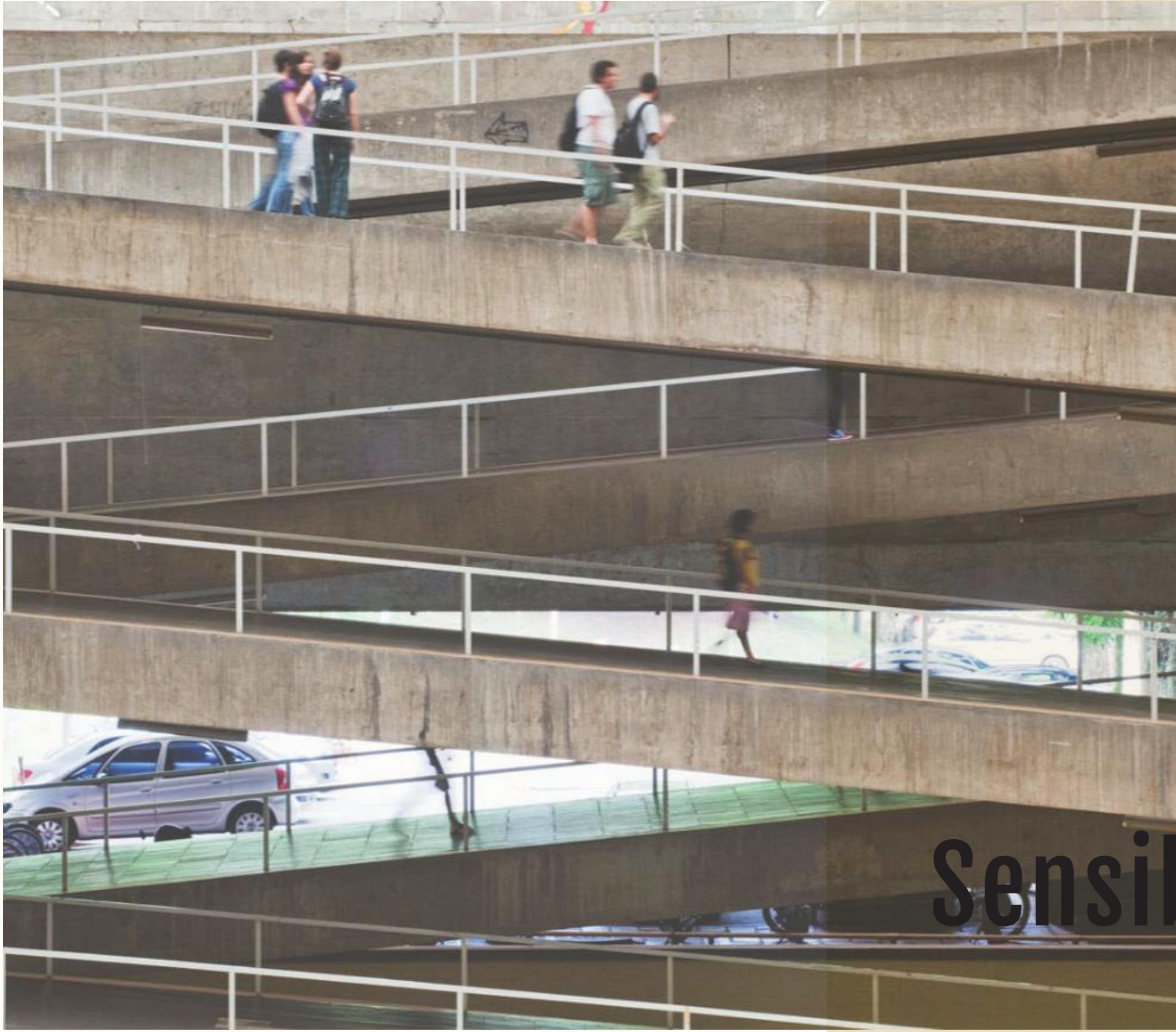
SANTOS, 2006, p.92

A permanência das formas espaciais foi denominada por Santos de “rugosidades” e para esse conjunto de formas, que, num dado momento, exprimem as heranças das sucessivas relações entre homem e natureza é que o geógrafo define como paisagem. A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. (SANTOS, 2006, p.67).

A preservação e o resgate da memória do espaço contribui para a manutenção coletiva e afetiva dele. Le Goff (2013) afirma: a memória coletiva não é somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder (LARA, p.02).

Fotos: autoria própria, 2022





Sensibilidade parte II

Foto: Nelson Kon

Experiência multisensorial

Fotos: autoria própria, 2022



Sou da forma que sou e me percebo, no espaço em que vivo, sei de mim no espaço e sei do espaço pelo meu corpo.

MANCINI, 2012

O que chamamos de mundo real é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma, pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas.

PESAVENTO, p.11

A cidade é um ser, em constante transformação e podemos senti-la porque somos seus agentes e sujeitos. Sua contemplação e a experiência do espaço não podem ser apenas visuais. Ela é sinestésica. É preciso estar nela para contemplá-la, pois é somente com todos os sentidos que temos a completude da sua provocação.

Por definição de Rosaria Assunto, visão, audição, cheiro, sabores e tato: a contemplação da natureza, quando nos encontramos em uma paisagem, é a identificação de todo nosso ser, sem distinção entre espírito e corpo. (ASSUNTO in: WEHLMANN, p.121).

Como Wehlmann nos fala, o lugar é um fenômeno revelado pela percepção de emoções e sentimentos dado pelo habitar. A memória de um lugar se faz no cheiro das ruas barulhentas, no sino da igreja, no carro dos ovos e no vendedor de milho verde, nas panelas de pressão chiando, a perua da escola buzinando, o sinal da aula e o burburinho das ruas cheias de adolescentes. É possível ver a energia diária que circula em suas ruas, cada dia se reciclando em seu cotidiano. Isso acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade (PESAVENTO, p.17).

Essas dimensões sensíveis do lugar só são passíveis de apreensão no ato presente. Mais do que isso, ela é individual, sendo cada experiência única. O ato de caminhar é a ação capaz de associar intimamente a capacidade sensorial às dimensões sensíveis humanas (CABRAL, p.13). Caminhando, estabelecemos ligações sensíveis e concretas entre os lugares que passamos de modo que o espaço aparece para nós como nós nos fazemos para ele.

A caminhada, enquanto experimentação, de fato, requalifica o espaço, no próprio sentido do termo: ela lhe dá novas qualidades e intensidades.

(BESSE In: CABRAL, p. 13)

Abordagens distintas, mas compatíveis com a perspectiva fenomenológica pela qual Besse aponta o potencial estético de requalificação do espaço inerente ao ato de caminhar, podem ser reconhecidas em experimentações artísticas e movimentos culturais bastante variados (CABRAL, p.13)

As vanguardas modernistas, ao proporem diferentes abordagens do andar enquanto forma de intervenção urbana, voltam-se ao sentido ancestral da ideia de deslocamento e percurso. A vanguarda Dadaísta, ao propor uma série de visitas-excursões por Paris em 1921, inaugura o interesse da arte moderna pela negação dos espaços expográficos de renome, tradicionalmente reservados à arte, tendo em vista a reconquista do espaço urbano. Trata-se de incursões realizadas, sobretudo, em meio aos espaços banais da cidade como forma de reconduzir olhares estéticos pelo lugar da vida cotidiana. Nesse caso, a arte é a própria experiência enquanto ato presente e não é passível de representação: as noções de movimento e de percurso deveriam ser mantidas em sua realização efetiva pelos bairros parisienses. Mais do que isso, o ato de percorrer o espaço era assumido como forma estética capaz de substituir a representação e, desse modo, subverter os sistemas tradicionalmente estabelecidos para a arte.

CABRAL, p.15

Nós descobrimos o mundo à medida que nos deslocamos por ele; inventamos o novo à medida que o que já existe se revela diante de nós.

CABRAL, p.01

Sem dúvida, essa cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano

vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. A cidade sensível é aquela

responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória.

PESAVENTO, p.15

Mas como descrever, Besse questiona, o espaço da paisagem que nos transpassa e nos impregna? Como falar da paisagem além da representação e do discurso objetivos? (CABRAL, p.13)

Segundo Cabral, as possibilidades de dizer a paisagem, isto é, de mostrá-la como experiência fundamental, originária, de convivência com o mundo, são poucas e se restringem, segundo o autor, à arte. Segundo ele, é a arte que pode apresentá-la enquanto tal, porque ela a mostra.

Gosto do pensamento de Pallasmaa quando afirma que a arquitetura reforça nossa experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo e essa é, essencialmente, uma experiência de reforço da identidade pessoal. É sobretudo essa dimensão da sensibilidade da arquitetura que me comove e busco transmitir a fim de mostrar uma cidade fruto da “experienciação” e do pensamento, acima de tudo, sensível, apresentando-a mais real aos seus habitantes à medida que se reconhecem no espaço.

Cidade Espaço expositivo

Giganto é um projeto de instalação com fotografia hiper dimensionada da artista visual Raquel Brust, que desde 2009, destaca os moradores que formam o tecido da cidade. A proposta é uma fotografia ativa, democratiza o espaço expositivo, já que leva a arte até o público e capta a potência dos olhares, tornando os retratados impossíveis de não serem notados.



Ocultas sob a massa da cidade edificada, dispersas entre as múltiplas imagens que compõem o cenário urbano, as manifestações artísticas soerguem-se num processo de retorno às memórias internalizadas, podendo redescobrir o reencantamento do mundo à percepção, habitando as metrópoles no sentido de reorganizar as relações afetivas, mnemônicas e identitárias que estruturam a subjetividade incorporada às cidades.

A arte urbana quando articulada coerentemente é capaz de assimilar a diversidade sem encobrir as diferenças e deste modo possibilita um redimensionamento do espaço público, transformando-o em espaço de interação entre o local e o global, a tradição e o novo, refazendo as fronteiras de identidade nas sociedades contemporâneas.

A cidade, palco/cenário das transformações sociais e culturais da humanidade, exige uma articulação do pensamento estético ao pensamento lógico-racional para permitir ao homem uma vivência consciente, uma atuação participante, a fim de que ele possa estar sendo sujeito ciente de suas escolhas. E é essa capacidade de escolha que orienta a dinâmica das relações socioculturais e promove a interação entre as diversidades sem, entretanto, anulá-las.

FREITAS, p.09

Projeto Giganto,
de Raquel Brust.
Fonte: [@projetogiganto](https://www.instagram.com/projetogiganto)

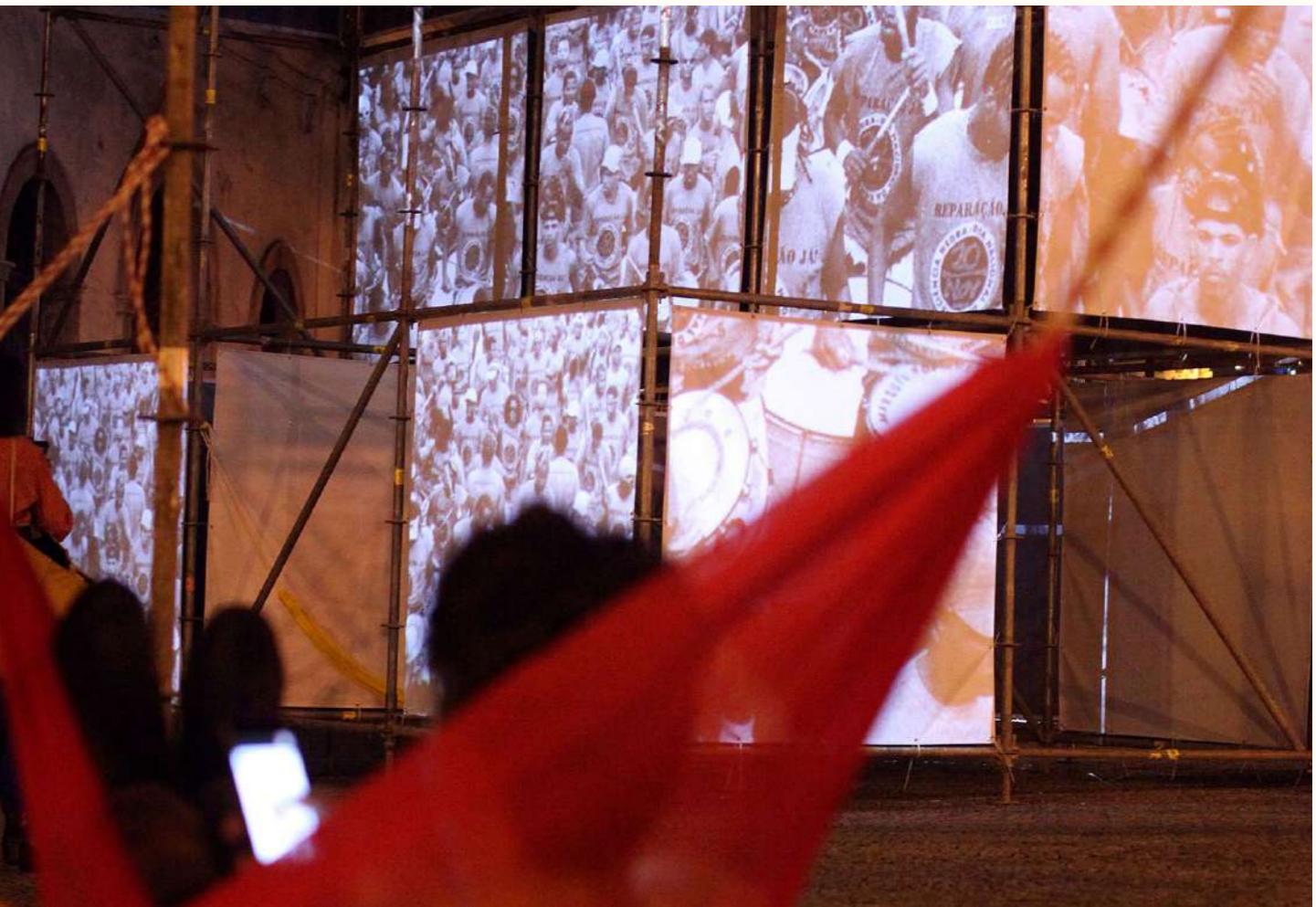
São vários os campos de estudo em que podemos entrar ao discutir as cidades. Comumente associado ao estudo da arquitetura e urbanismo, o tema é muito mais amplo e pode ser pauta nos estudos históricos e antropológicos, na geografia humana, em direito, design e na filosofia.

Sendo a cidade entendida como manifestação social humana, basicamente qualquer tema que trate política e cultura, falará sobre as cidades.

No campo da arquitetura e do design, o habitar, já anteriormente colocado como condição inerente ao ser humano, pode ser objeto de diferentes projetos. Podemos, por exemplo, materializar a temática em um projeto paisagístico que trace no espaço as sensações de diferentes habitares que aquele lugar permita, ou então, em um projeto de restauro de edifício podemos valorizar o patrimônio habitado, trazendo à materialidade arquitetônica, memórias deixadas ali pelos seres que habitaram aquele lugar.

Como ação poética urbana, uma intervenção expográfica coloca em discussão as relações entre corpo e cidade e instiga novas perspectivas de convivência no espaço público ao interpretar e experienciar o espaço público poeticamente numa construção e manutenção permanente da memória.

O projeto expográfico do Bijari no Valongo relaciona ampla variedade de mídias e sua presença em meio às ruínas do bairro histórico e a sua potente inscrição na paisagem urbana. As estruturas e instalações foram pensadas para integrar ou revelar as características arquitetônicas das ruínas, mas também romper o interior das mesmas em direção ao espaço público, criando novas camadas e escalas para a exposição do conteúdo a partir dessa relação (descrição do escritório)



Ocupação expográfica no Valongo, bairro histórico de Santos durante Festival Internacional da Imagem em 2018.
Fonte: Bijari

Num esforço de compreender os aspectos dessas relações que se estabelecem entre as manifestações artísticas e a cidade, Síclia Freitas reflete sobre como a arte urbana pode interferir nos espaços públicos onde está instalada e as possibilidades sociais e estéticas desencadeadas a partir dessas relações. Segundo ela, a arte pública aproxima as distâncias entre a arte e a vida e cria formas de interação intermediando as relações cotidianas no contexto urbano.

Sendo o espaço público, o lugar do espaço político, assumi-lo como o espaço expositivo é ocupar o espaço urbano a partir da compreensão da cidade como suporte de discursos, onde tudo aquilo que está exposto comunica uma ideia e colabora para a configuração da cidade.

Ao explorar a correspondência entre as alterações da paisagem e a inserção da arte, a arquitetura expositiva busca estabelecer uma espécie de desvio quanto à apreensão das transformações ocorridas em determinado contexto. Apropria-se de um processo existente (o da percepção) para suscitar a revelação do já existente e permitir dar luz a outras tantas realidades encobertas.

(BIJARI, 2018)

Sua ação no espaço que ocupa e no seu entorno possibilita o cultivo de um olhar reflexivo, questionador e racional, que proporciona o diálogo com as diversidades do seu ambiente cultural e consigo mesmo.

FREITAS, p.09



Julio Abe Wakahara trabalha o patrimônio intangível, colocando em prática o conceito de museu como agente de transformação social ao ocupar o espaço urbano como sala de exposições com a instalação de 17 painéis fotográficos distribuídos por pontos da área central da capital, que convidavam a população a olhar a cidade enquanto acervo patrimonial inserido no cotidiano da metrópole.

Projeto Museu de Rua (1977-1979)

Fonte: CAU/BR





Percepções

parte II

Contexto histórico

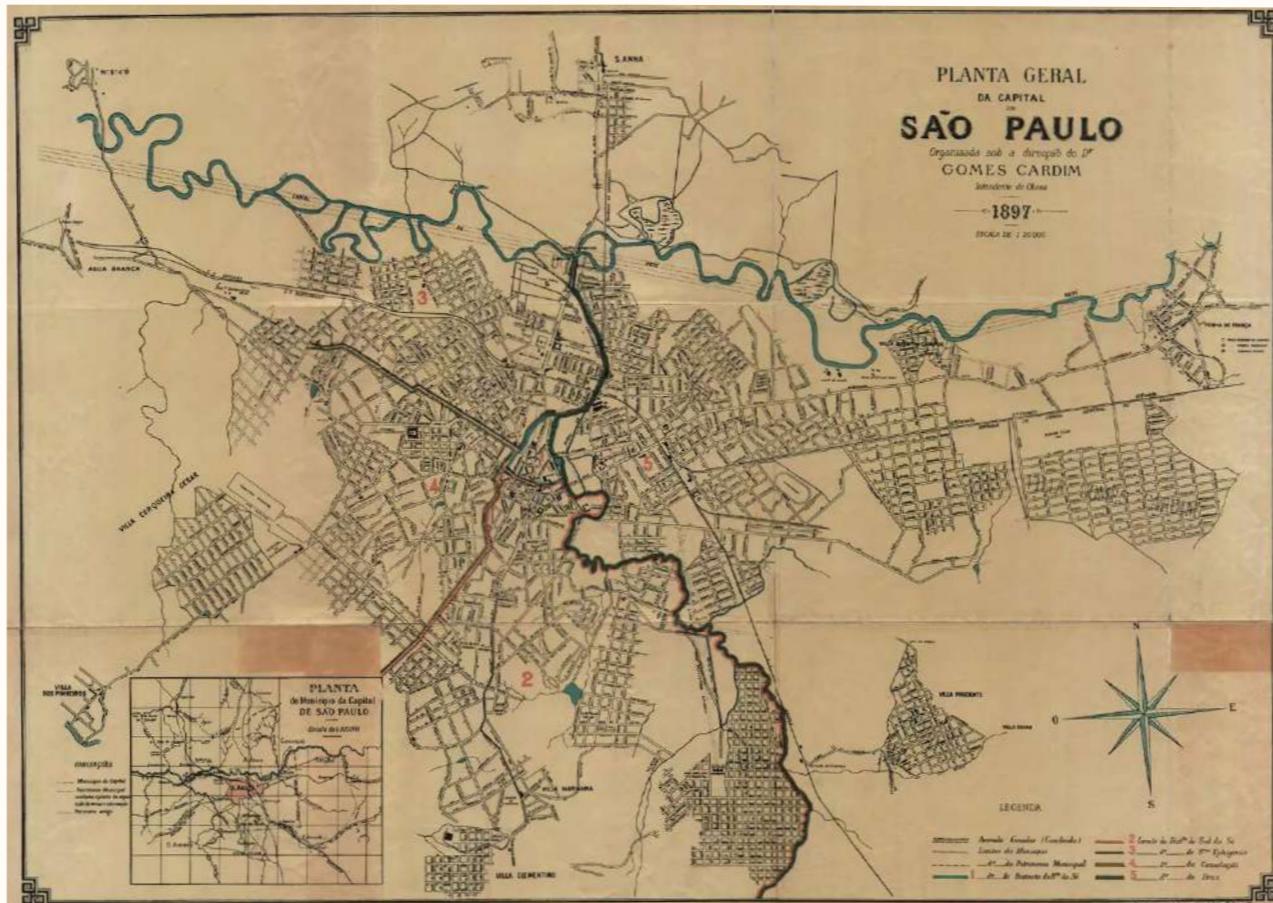


Contexto Intermunicipal

Fonte: Autoria própria
base de dados: Geosampa

O contexto de formação do bairro Parque São Lucas está na expansão suburbana do eixo sudeste da cidade de São Paulo. Enquanto a cidade central se desenvolvia em uma intensa expansão imobiliária vertical, as regiões consideradas afastadas eram esparsamente ocupadas por chácaras e plantações. A tendência de espalhamento suburbano da cidade, no início do século XX, era caracterizado pelo surgimento de arruamentos isolados com ocupação pouco densa, separados da cidade por áreas não loteadas. Novos bairros iam se formando assim, a partir de loteamentos privados que crescia ao redor de alguns núcleos urbanos já mais consolidados.

Não é por acaso que para nós a Vila Prudente é ponto de referência até hoje. É imperativo entender minimamente sua formação ao estudar as origens da nossa região sudeste da cidade. Bairros como a Vila Ema, Sapopemba, Vila Diva, Vila Alpina, Santa Clara e Parque São Lucas tem suas origens entrelaçadas ao desenvolvimento de Vila Prudente. “As vilas que vieram da vila” como Newton Zadra descreve em seu precioso estudo sobre a Vila Prudente.



Planta geral da cidade de São Paulo, 1897, organizada por Gomes Cardim
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Praça Irmãos Falchi, 1898
(hoje Praça do Centenário de Vila Prudente)
Fonte: ZADRA, 2010



Remontando a 1890, as histórias de Vila Prudente se iniciam quando os irmãos Falchi e Serafim Corso compram uma gleba de pouco mais de 1 milhão de m² entre São Caetano e a Mooca, referências geográficas na região sudeste até então. Os irmãos fundaram a fábrica de chocolates e confeitos e projetaram um pequeno conjunto de arruamentos em seu entorno para atrair operários dos bairros próximos. Além disso, outras indústrias foram se estabelecendo na região atraindo novos moradores. Os Falchi também construíram uma olaria, a Cerâmica Vila Prudente, onde fabricavam tijolos e telhas, abastecendo o próprio mercado de crescimento e construção das casas da região. Foi com a geração de empregos destas companhias que a região atraiu moradores, foi sendo habitada, desenvolveu seu comércio e obteve os primeiros serviços públicos de educação e lazer.

No início do século 20, Vila Prudente já transbordava suas divisas na direção de São Caetano, atravessando o Córrego da Mooca. Nas áreas a leste havia muitos loteamentos de ocupação esparsa, que constituíam um prolongamento do núcleo de Vila Prudente. Como Berges traz em seu estudo sobre a Bacia do Córrego da Mooca, nesses loteamentos afastados, a via principal, a radial nucleadora do bairro, correspondia a uma antiga estrada, por exemplo, a Estrada da Vila Ema (que hoje corresponde a Avenida Vila Ema) e a Estrada do Oratório, atual Avenida do Oratório. Essas se constituíam como principais vias de ligação do centro de Vila Prudente com os bairros que iam se formando a leste.

O Parque São Lucas nasce nesse contexto. Já no início do século XX, o tenente Francisco Fett de Oliveira (nascido Franz Fett) e sua esposa vieram pro Brasil, compraram glebas no bairro de Vila Ema que se estendiam até onde hoje é o São Lucas.

No início de 1944, com a região já em desenvolvimento, a empresa imobiliária Predial De Lucca, dos irmãos Antônio e Domingos de Lucca, comprou uma gleba de pouco mais de 140 mil m² que foi dividida em 390 lotes. A transação foi lavrada em **20 de março de 1944**, data que é considerada como a de fundação do Parque São Lucas.

Duas indústrias colaboraram fortemente para o crescimento da região: uma delas foi a filial da Linhas Corrente, instalada na Avenida do Oratório em 1951, funcionando até 1996 onde hoje é o Pátio Oratório, estacionamento operacional da linha 15-Prata. Outra importante empresa foi a Ventiladores Bernauer. Fundada em 1930, a empresa iniciou suas operações em Vila Prudente mudando-se para a Estrada do Oratório, no Parque São Lucas, nos anos 50.

Hoje, o bairro se abastece de um forte comércio e da Paróquia São Felipe Neri que juntos regem a paisagem diariamente entre os sons das ruas movimentas e as badaladas do sino da igreja



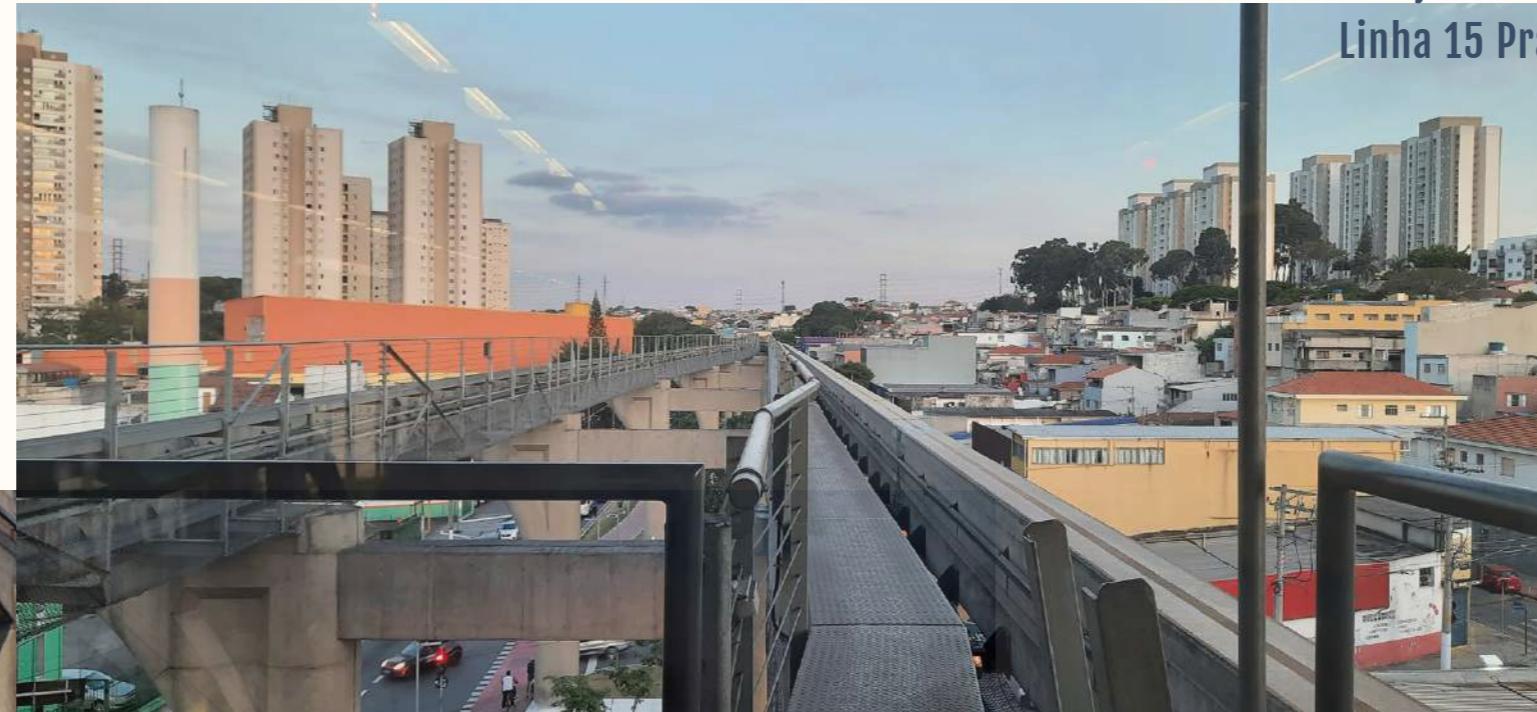
Parque São Lucas 1958 e 2021

Fonte: Geoportal Memória

Paulista | autoria própria

Caminho para casa

Fotos: autoria própria, 2022



Hoje, esse lugar apresenta possibilidades que todo espaço livre da cidade deveria ter potencial de oferecer. A Anhaia Mello é agora habitada pelas bicletas, crianças, senhoras em aulas de zumba, pessoas correndo e se exercitando ou simplesmente caminhando. Iluminado e sempre frequentado, esse é um lugar que passou de cinza para azul na minha paisagem.

Av. Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello
Estação São Lucas
Linha 15 Prata

A Avenida Professor Luiz Ignácio de Anhaia Mello vêm sofrendo constantes alterações de sua paisagem. Ainda jovem, está distante da estabilidade. Tenho lembranças da Anhaia Mello antes do monotrilho e considero isso um presente, pois só assim é possível de comparação. Somente com as vivências desse lugar anterior a essa imponente e polêmica construção é possível trazer um juízo positivo para a atual paisagem.



Francisco Fett

A Francisco Fett é uma rua com características de transição. Por muito tempo teve uma “cara” de algo separado do restante. Atribuo essa percepção a sua proximidade com a Av. Anhaia Melo, que por muito tempo foi “os fundos”. Ela é recém habitada pelos pedestres que agora passam por ali a caminho do monotrilho ou na subida para casa. Ali é crescente a transformação, casas no meio de lojas e lojas na garagem das casas.

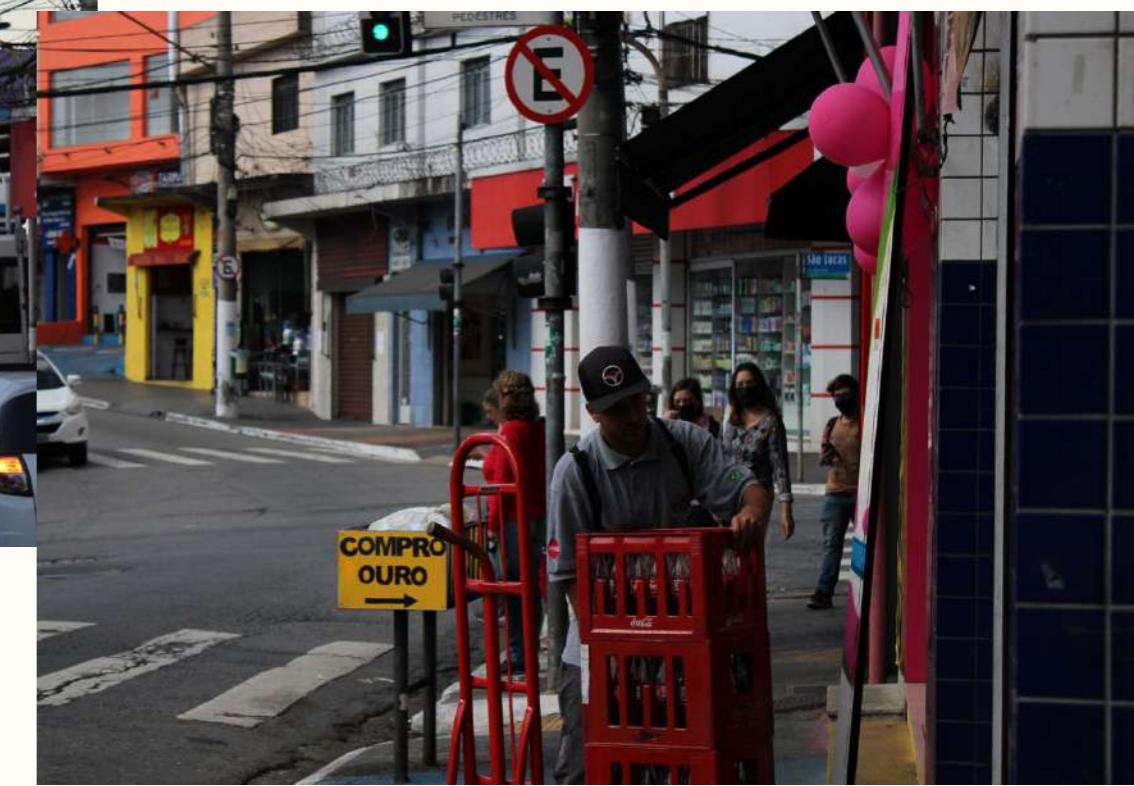
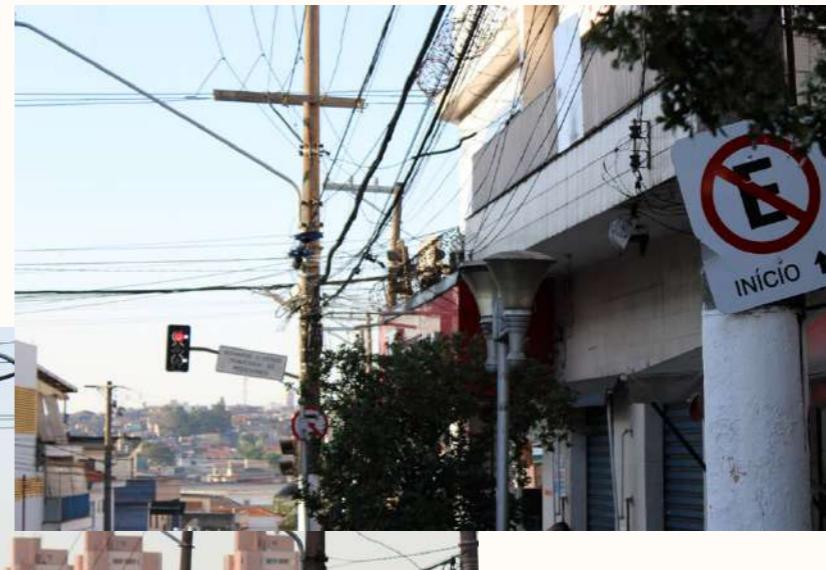


Fotos: autoria própria, 2022

Esquina do farol

Na esquina do farol acontece o cruzamento da Avenida do Oratório, antiga Estrada do Oratório, nosso eixo de ligação com a formação da Vila Prudente. É ali que a Francisco Fett termina para dar início a Avenida São Lucas. Você encontrará diariamente nesse local o carrinho do milho, há 20 anos ali a partir do meio dia e, com certeza, um senhor panfletando uma promoção de natal em pleno setembro. É aqui também que bate aquela fome e você ficará em dúvida de qual estabelecimento, ou kombi, irá

gastar R\$10.



Aqui é marcante a presença das farmácias. Ah, as farmácias! Não podemos deixar de falar delas, você terá dificuldade de achar uma franquia que ainda não abriu uma unidade no Pq São Lucas. Porém há de se dizer, são elas que garantem um mínimo de vida e movimento tarde da noite sendo um alívio na subida para casa.

Fotos: autoria própria, 2022

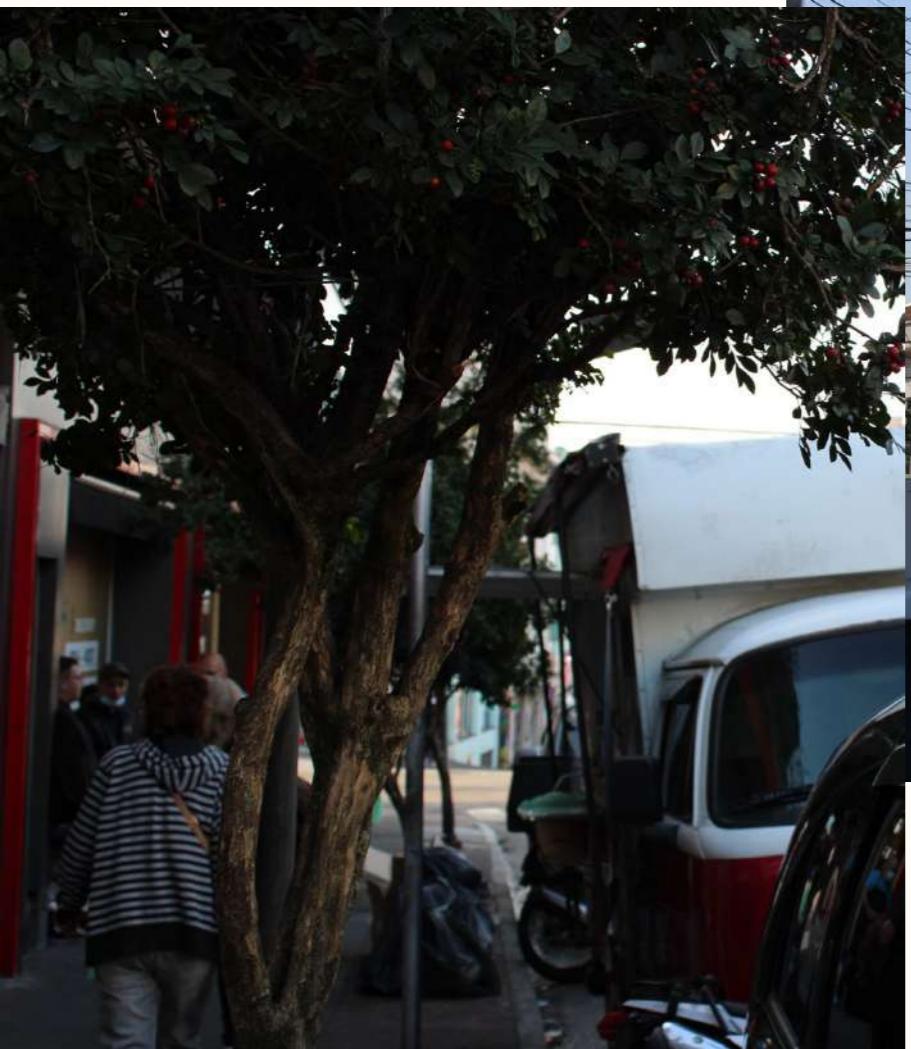
A pastelaria

O comércio forte tão característico do bairro é abastecido pela comida de rua de bares, lanchonetes, kombis e carrinhos. Aqui no farol, um dos estabelecimentos mais antigos da região. Há três gerações, a família goya está no local servindo os mesmos pasteis e salgados. Essa é uma parada que nunca decepciona, seja para comer uma esfiha, um caldo de cana ou uma coquinha de garrafa.



Fotos: autoria própria, 2022





Fotos: autoria própria, 2022

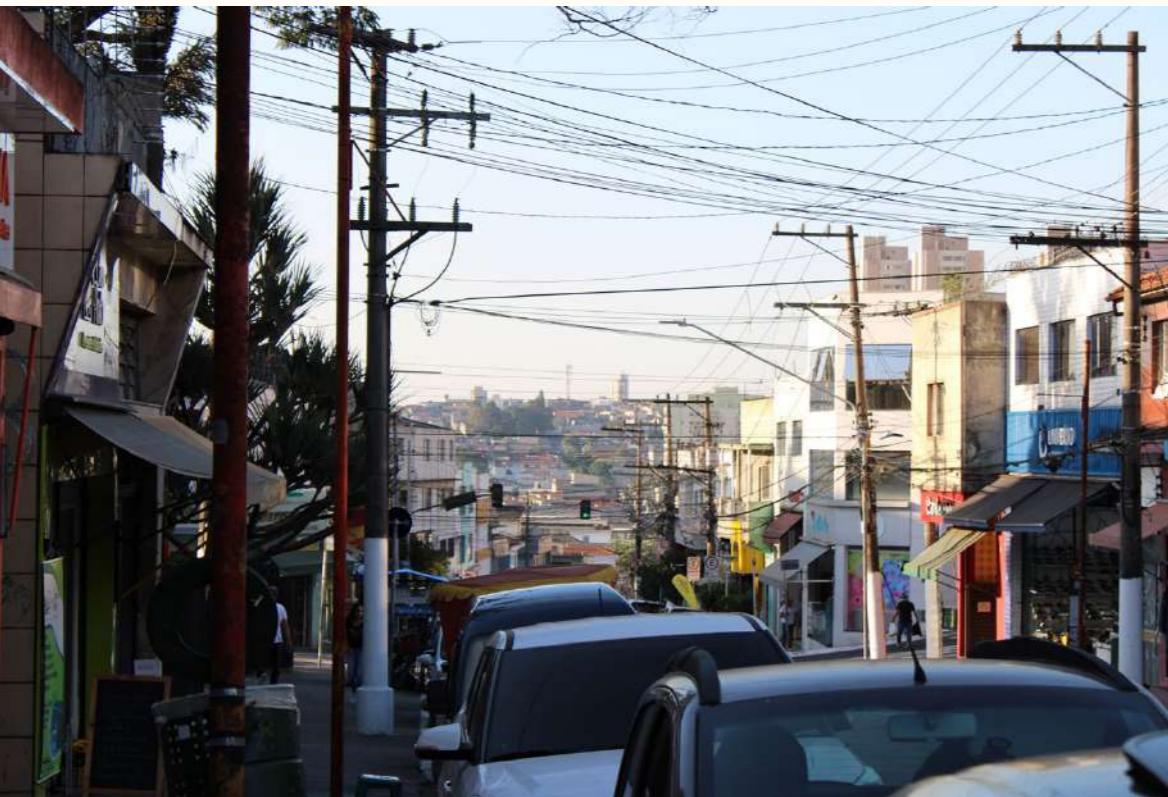


O primeiro quarteirão da Avenida é marcado por aquela atmosfera barulhenta e visualmente saturada que só os centros comerciais tem. Onde acontece tudo ao mesmo tempo de forma caoticamente organizada e rotineira. Ali, as calçadas são mais estreitas e ao andar você desviará das pessoas paradas decidindo entrar em uma loja, dos produtos em lona que o vendedor estende no chão e das famílias almoçando na kombi do japonês, tudo isso com o som alto que alguma loja invariavelmente coloca todos os dias.

Fotos: autoria própria, 2022



Seguida da kombi do churros, onde certamente você receberá um “bom dia” do Luiz, está a kombi do Sr. João. Esse simpático vendedor de salgados está ali desde 1988, mais especificamente, 15 de julho de 1988, como ele fez questão de me contar.



O segundo quarteirão da avenida já tem uma aparência diferente, a primeiro olhar um pouco menos caótica por ser um trecho da mais aberto e com calçadas um pouco mais largas. Mas não se engane, aqui a trilha sonora continua com uma nova loja, outros vendedores e outros carrinhos de comida de rua.

Fotos: autoria própria, 2022



Esquina da caixa

Assim é nomeada no boca-boca como ponto de referência consolidado. Ela se destaca no percurso por permitir amplas visuais, um respiro na paisagem para os dois lados. De qualquer esquina ali, você terá a paisagem de fundo da igreja na subida, e o monotrilho na descida. É interessante também a forma dessas construções, a esquina ao invés de cega, é 'cortada', e se abre, em sua maioria, como vitrine.



Fotos: autoria própria, 2022

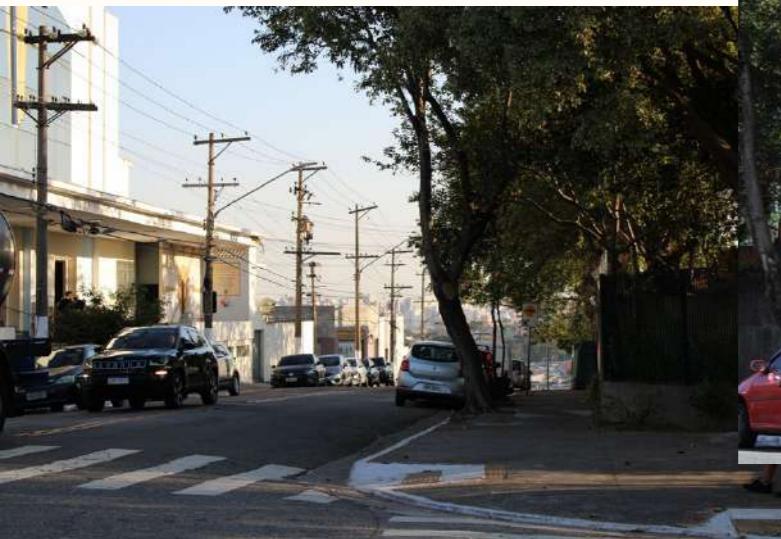


Fotos: autoria própria, 2022



Praça São Lucas

Provavelmente o núcleo gerador desse bairro. Na “Praça São Lucas”, assim nomeada nas placas, a Paróquia São Felipe Neri se ergue massiva. Ao seu redor, uma série de equipamentos e estabelecimentos já há muito consolidados, como a padaria, ali desde os anos 60 e a banca de jornal, localizações estratégicas e quase óbvias. Ali temos também o EMEI Prof. Sebastião Sanches Martines e a Biblioteca Aureliano Leite, com a UBS Parque São Lucas a poucos metros.



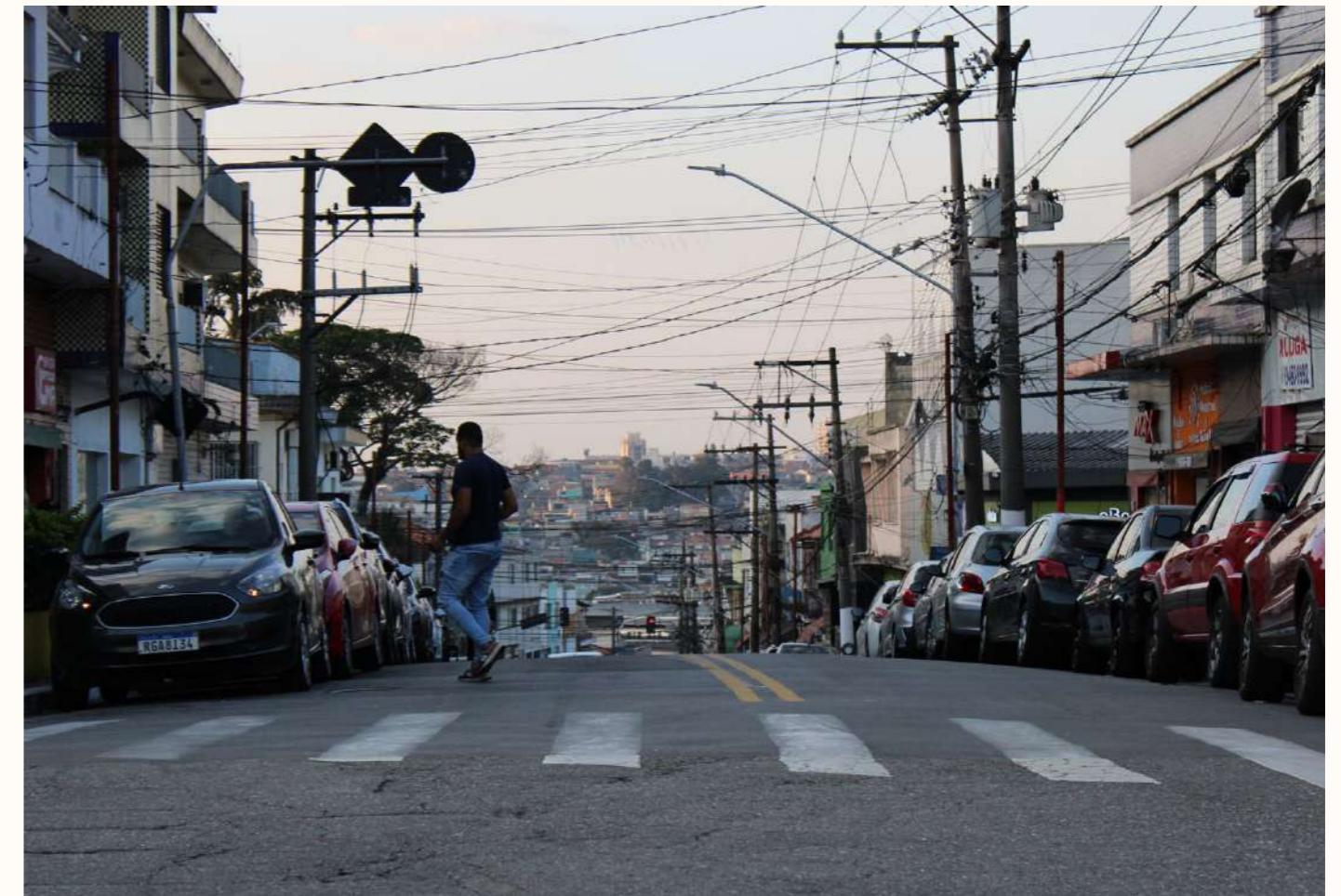
Fotos: autoria própria, 2022

Na Avenida São Lucas, a subida sempre oferecerá como pano de fundo da paisagem a Paróquia de São Filipe Neri. Ao chegar ali, no ponto mais alto a vista se abre abraçando a Vila Alpina

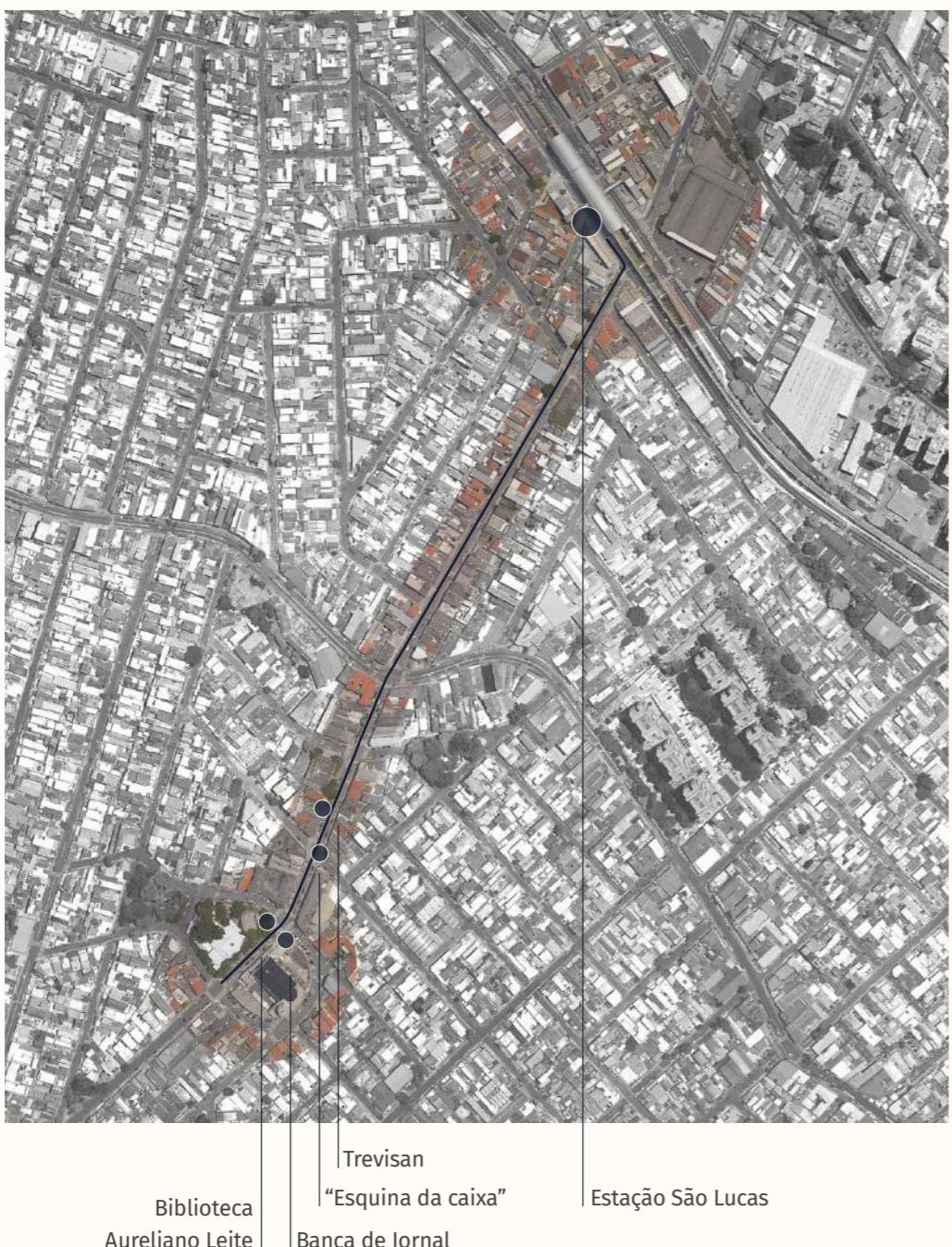


A vista para a descida é igualmente interessante. Ao fundo as construções, postes e fios da avenida direcionam sua visão para o monotrilho e ao fundo, a Vila Ema.

Fotos: autoria própria, 2022



Intervenções na paisagem



Para os textos escritos desenvolvidos na sinalização dos pontos de parada escolhidos será utilizada a família tipográfica Source Sans Pro e suas versões. Projetada por Paul Hunt em 2012, como primeira fonte de código aberto da Adobe, esta tipografia inspira-se na clareza e legibilidade dos desenhos

Source Sans Pro
Aa Ee Rr
Aa Ee Rr
Archetypical
a b c d e f g h i j k l m
n o p q r s t u v w x y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Os lugares selecionados para intervir no espaço foram escolhidos como **pontos de parada e observação** comuns na caminhada. As intervenções se prestam a enfatizar e instigar as pessoas a pensar nas camadas daquela paisagem, pontos de vista que aquele lugar já teve, poder e permitem ter. Elas se fazem com fotografias que ressaltam paisagens do próprio lugar acompanhadas de informações históricas e curiosidades. As estruturas de intervenção também são elementos já pertencentes a paisagem e reconhecidos através das percepções de cotidiano.

Aqui, a construção da memória coletiva do lugar se faz no presente, ao exibir o território no próprio território, em uma tentativa de cativar a sensibilidade de cada um com seus lugares e chamar a atenção para a relevância do seu simples cotidiano. Assim, contar sua história e suas estórias não será consequência da vasculha somente do seu passado, mas sim da observação do presente.

Nesse recorte, são utilizados alguns dos lugares de maiores potencialidades visuais e históricas destacados na minha vivência dessa paisagem. Esses podem servir como pontos comuns a muitas pessoas que ali frequentam, mas se fazem como convite para a observação e informação de outros tantos lugares interessantes.





Estação São Lucas

Intervenção na passarela de acesso da Estação São Lucas a partir do bairro.

Essas fotos marcam o início das obras de canalização do Córrego da Mooca e o referido primeiro trecho da construção da avenida (no cruzamento está a antiga Estrada do Oratório)

Córrego da Mooca

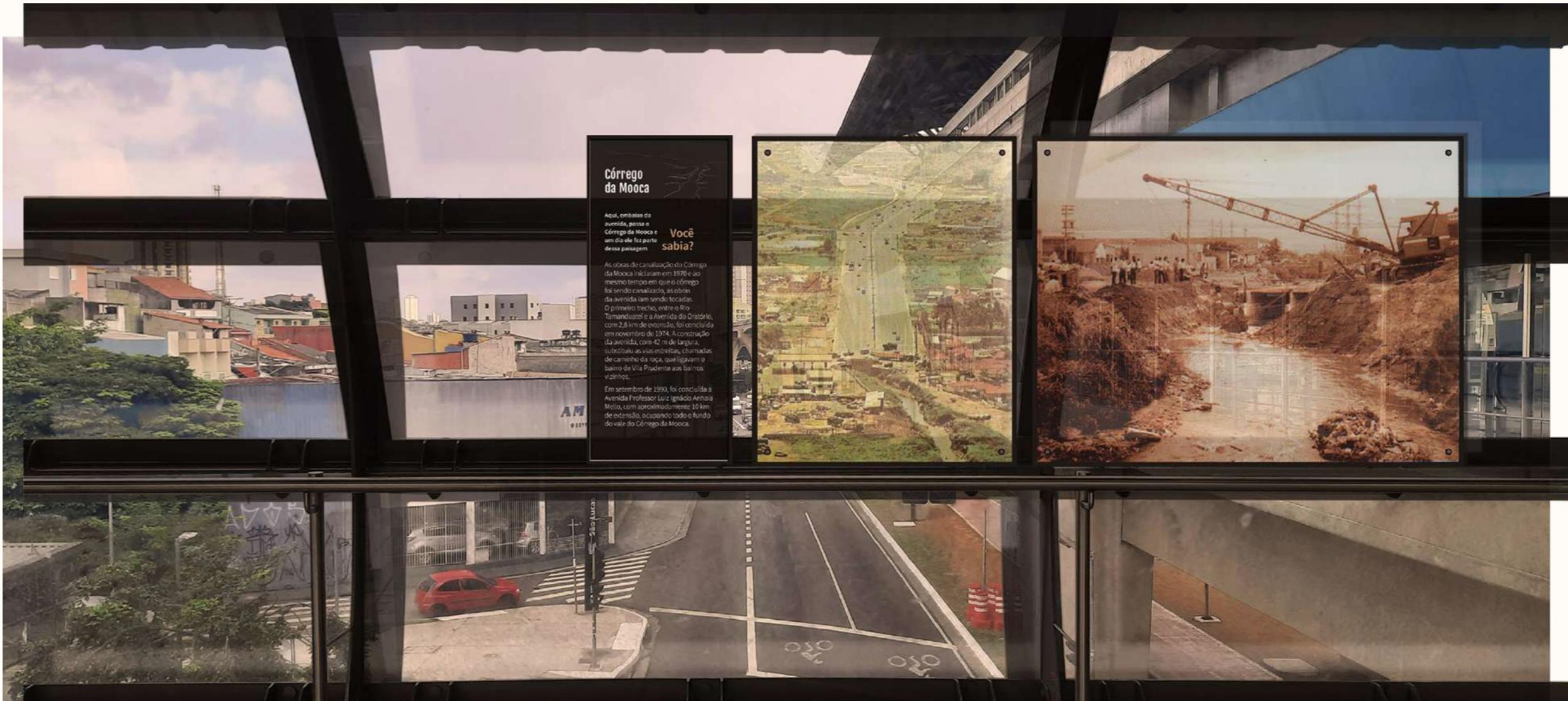


Aqui, embaixo da avenida, passa o Córrego da Mooca e um dia ele fez parte dessa paisagem

Você sabia?

As obras de canalização do Córrego da Mooca iniciaram em 1970 e ao mesmo tempo em que o córrego foi sendo canalizado, as obras da avenida iam sendo tocadas. O primeiro trecho, entre o Rio Tamanduateí e a Avenida do Oratório, com 2,8 km de extensão, foi concluída em novembro de 1974. A construção da avenida, com 42 m de largura, substituiu as vias estreitas, chamadas de caminho da roça, que ligavam o bairro de Vila Prudente aos bairros vizinhos.

Em setembro de 1990, foi concluída a Avenida Professor Luiz Ignácio Anhaia Mello, com aproximadamente 10 km de extensão, ocupando todo o fundo do vale do Córrego da Mooca.



Fotos: autoria própria, 2022



Av. Prof. Luiz Ignácio Anhaia Mello

O projeto inicial propunha a canalização do Córrego da Mooca em um canal aberto com avenidas marginais, mas para evitar os altos custos com desapropriações foi alterado para galeria fechada, aproveitando a área ocupada pelo canal para a construção da avenida de fundo de vale.

A construção dessa avenida apagou da paisagem o rio e suas planícies fluviais, mas não resultou no fim das inundações registradas desde 1960..



Av. Prof. Luiz Ignácio Anhaia Mello

O projeto inicial propunha a canalização do Córrego da Mooca em um canal aberto com avenidas marginais, mas para evitar os altos custos com desapropriações foi alterado para galeria fechada, aproveitando a área ocupada pelo canal para a construção da avenida de fundo de vale.

A construção dessa avenida apagou da paisagem o rio e suas planícies fluviais, mas não resultou no fim das inundações registradas desde 1960..

Fotos: autoria própria, 2022



Trevisan



O “Trevisan” é um estabelecimento do São Lucas desde 1965. Onde meu avô, o sr. Trevisan, abriu uma barbearia logo que chegou de Adamantina com Judith, minha avô, interior de São Paulo. Aos poucos a barbearia foi dando lugar a um bazar, que você pode encontrar até hoje no 148 da avenida, agora ao comando de minha mãe.

Fotos: acervo familiar





Esquina da Caixa

Caixa Econômica

Loja Boticário

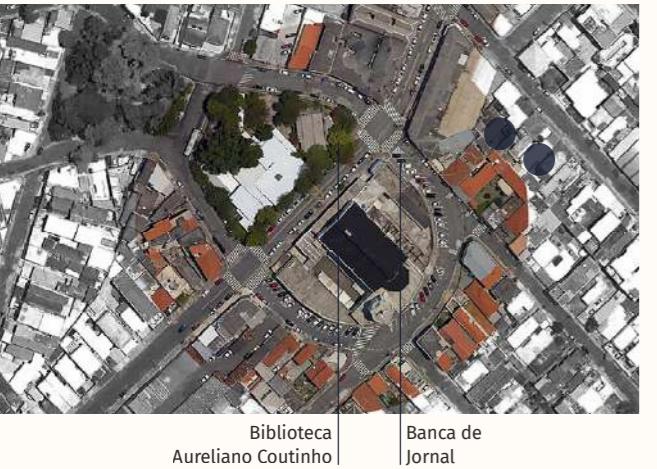
Vitrines de paisagem

Intervenções em estabelecimentos
da esquina da caixa



Fotos: autoria própria, 2022





Praça São Lucas



Nesse ponto, estamos a
790m do nível do mar.

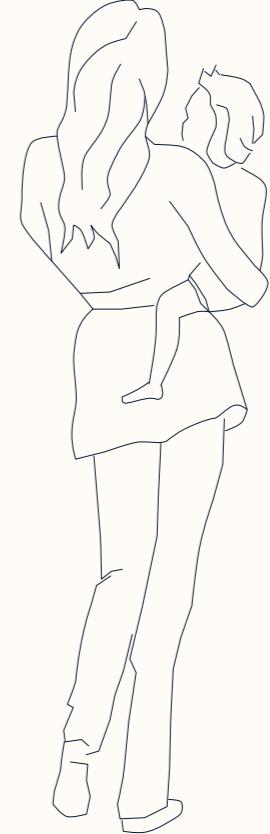
Daqui, avistamos a
Vila Alpina

Você
sabia?



Nesse ponto, estamos a
790m do nível do mar.
Daqui, avistamos a
Vila Alpina

Você
sabia?



Capela Santo Antônio



O dono de quase todos os terrenos do bairro chamava-se Lucas Antônio e por ele foi doado um terreno, no ponto mais alto do bairro, onde queria que fosse construída uma igreja dedicada a Santo Antônio, seu padroeiro.

Com a influência do senhor De Luca e com a vivência do povo, no dia 11 de setembro de 1958 foi construída a capela de Santo Antônio do Parque São Lucas. Por um bom tempo, aqui conviveram a Praça São Lucas e a capela e era aqui que o povo se encontrava para celebrar a vida!

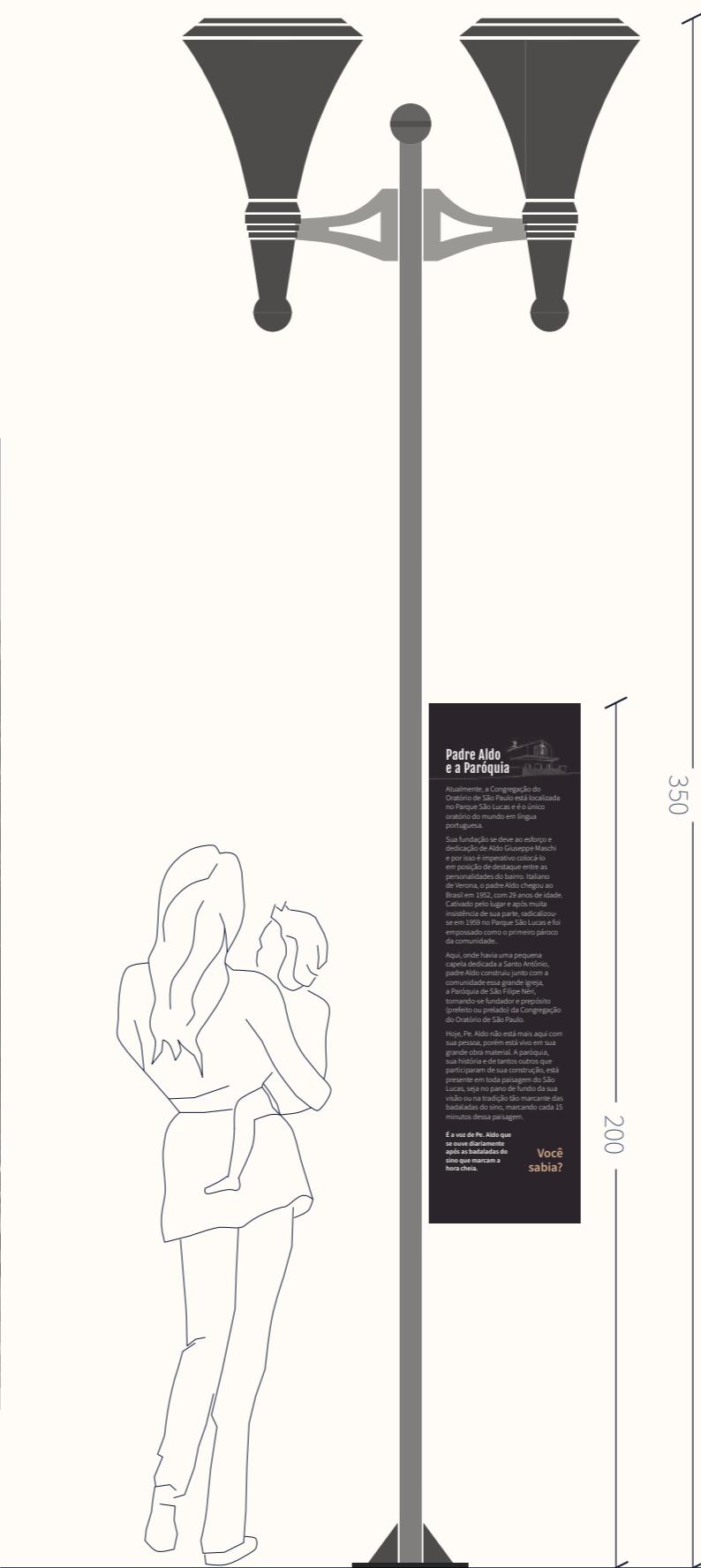
**Enterrado abaixo desta grande
igreja há uma pedra lastrada
com o nome de todos os
membros da comunidade
do Pq. São Lucas que
ajudaram na sua
construção? Você
sabia?**



Fotos: autoria própria, 2022



Fotos: autoria própria, 2022



Padre Aldo e a Paróquia



Atualmente, a Congregação do Oratório de São Paulo está localizada no Parque São Lucas e é o único oratório do mundo em língua portuguesa.

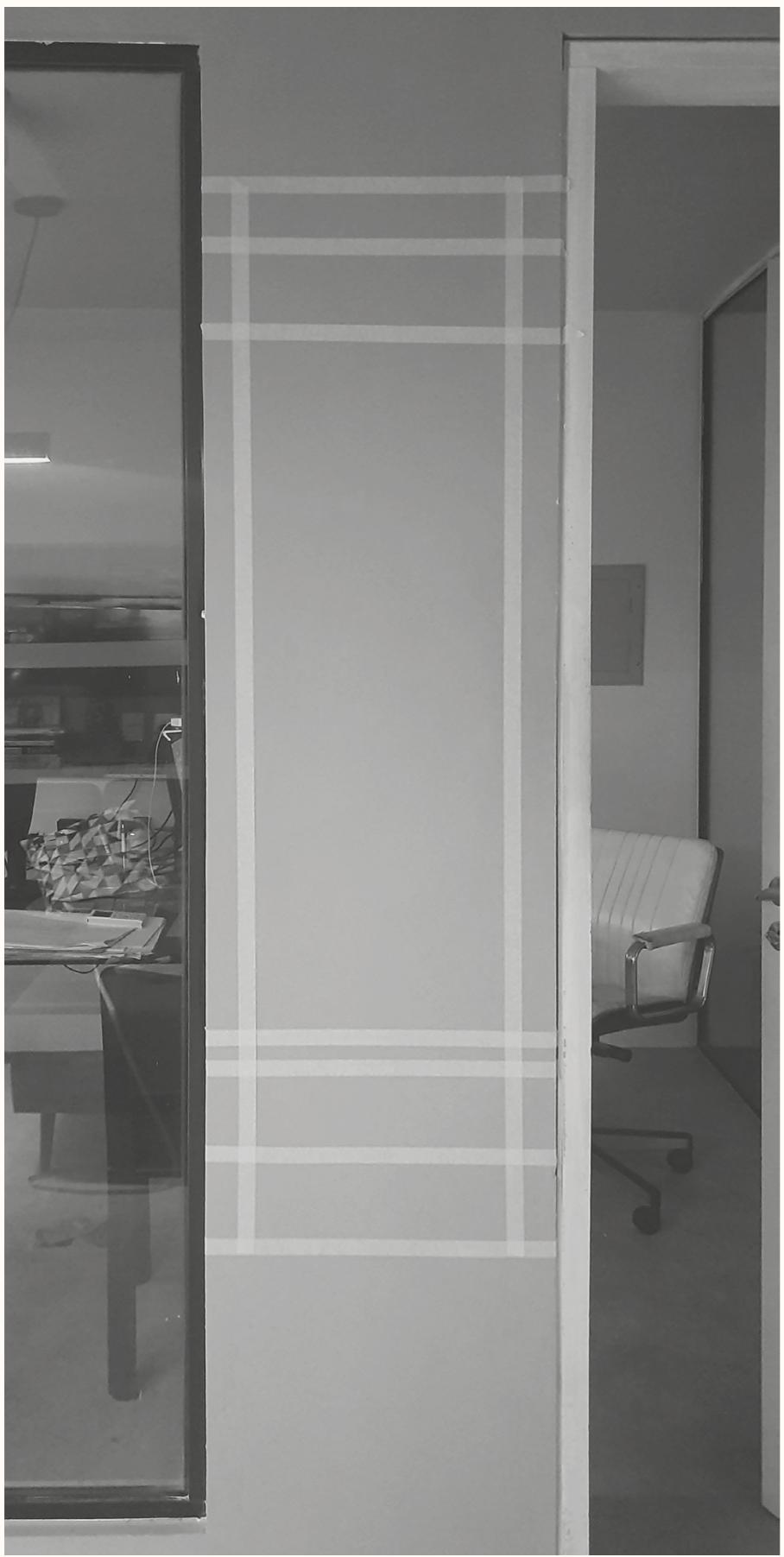
Sua fundação se deve ao esforço e dedicação de Aldo Giuseppe Maschi e por isso é imperativo colocá-lo em posição de destaque entre as personalidades do bairro. Italiano de Verona, o padre Aldo chegou ao Brasil em 1952, com 29 anos de idade. Cativado pelo lugar e após muita insistência de sua parte, radicalizou-se em 1959 no Parque São Lucas e foi empossado como o primeiro pároco da comunidade..

Aqui, onde havia uma pequena capela dedicada a Santo Antônio, padre Aldo construiu junto com a comunidade essa grande igreja, a Paróquia de São Filipe Neri, tornando-se fundador e prepósito (prefeito ou prelado) da Congregação do Oratório de São Paulo.

Hoje, Pe. Aldo não está mais aqui com sua pessoa, porém está vivo em sua grande obra material. A paróquia, sua história e de tantos outros que participaram de sua construção, está presente em toda paisagem do São Lucas, seja na sua visão ou na tradição tão marcante das badaladas do sino, marcando cada 15 minutos dessa paisagem.

É a voz de Pe. Aldo que se ouve diariamente após as badaladas do sino que marcam a hora cheia.

Você sabia?



Exercício para entendimento do tamanho real

Atualm Oratóri no Par

Detalhe em tamanho real (1:1)

Tipo: Source Sans Pro - Regular

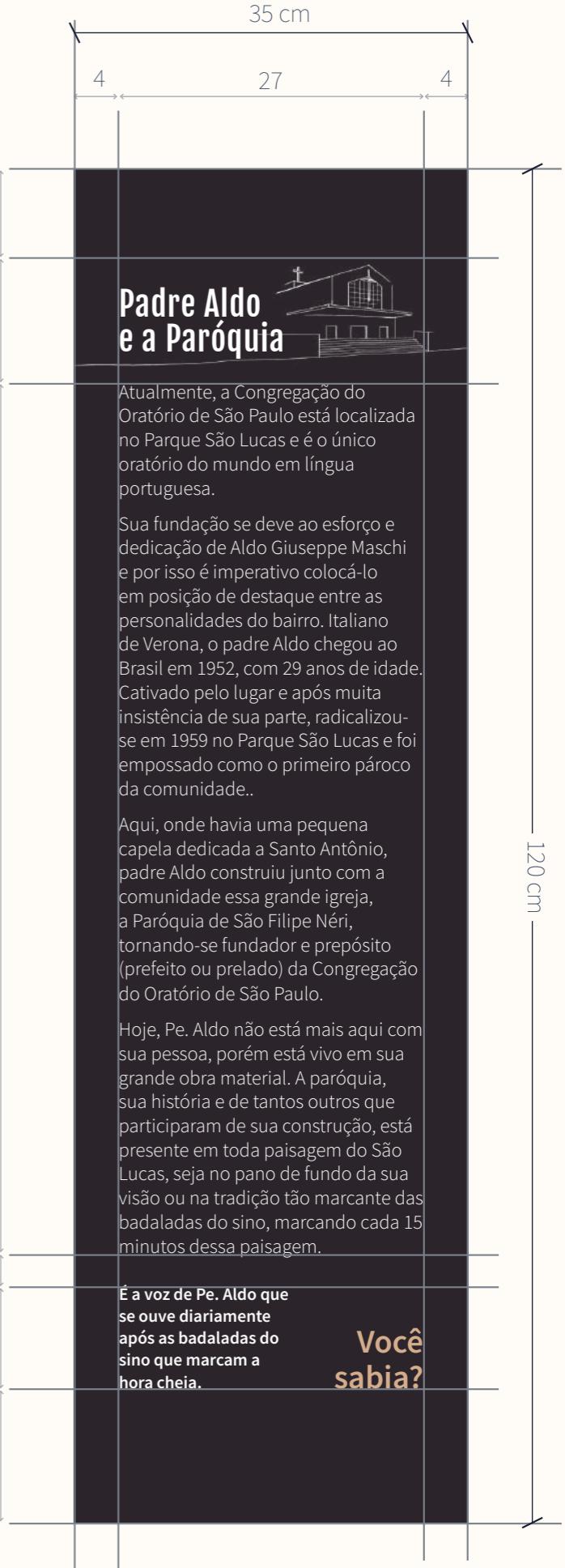
Altura x: 1cm
visualização a 2 metros de distância

Pad e a

Detalhe em tamanho real (1:1)

Tipo: Fjalla One - Regular

Altura x: 2cm
visualização a 4 metros de distância



Caminhar é um ato de descoberta, ação de conexão entre corpo e meio, onde cada movimento pode gerar uma percepção diferente que, somadas, nos levam a experiência daquele momento. Quando caminhamos, simples ocasionalidades podem tornar a experiência diferente.

Pode ser o farol fechado que te faça parar e olhar para um lugar diferente, abaixar para amarrar o tênis ou encontrar um conhecido na rua. A verdade é que quando abertos a observação e ao simples caminhar enriquecemos as camadas daquele lugar e somamos novos *lugares* ao nosso imaginário. Assim, construímos a paisagem.

A exposição das imagens coloca o público de frente com a cidade, deixa de ser um mero objeto arquivado e provoca aquele que olha a pensar sobre o que vê e a se indagar como era a cidade que deixou de existir. Ao expor as camadas de história para todos do bairro em um percurso afetivo, o projeto leva a reflexão artística para fora do eixo central da cidade, questionando e restabelecendo o contato diário das pessoas com essa forma de apropriação do espaço.

A preservação e o resgate da memória do espaço contribui para a manutenção coletiva e afetiva dele. Podemos entender que algumas marcas simbólicas, identificadas através das memórias dos lugares, personagens, datas e acontecimentos são relevantes na tentativa de significar aspectos identitários que fazem parte do processo de transformação de um lugar constituindo-se como uma herança de significados, ligados diretamente à memória e ao pertencimento.

Convido-o a fazer esse exercício de observação sensível sobre os lugares que te formam.

considerações finais

- ABREU, Bebel. **Expografia brasileira contemporânea: Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga.** Dissertação de Mestrado - FAU USP Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura, São Paulo, 2014.
- ALMEIDA, Joana. **Participação no espaço urbano: a arte como um modo de habitar a cidade.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2018.
- AMBROGI, Ingrid. FLÓRES, Ralf. JARDIM, Elaine. **Museu de Rua: O espaço urbano como espaço expositivo e a construção da memória coletiva.** Memórias e Acervos Documentais: o arquivo como espaço produtor de conhecimento. VIII Seminário Nacional do Centro de Memória. 2016. Unicamp, Campinas.
- BORGES, Cibele Dias. **A Memória Coletiva e Individual.** Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br:8080/jspui/handle/1/1440>. Acesso em: 17 junho de 2022.
- BRANDÃO, Gabriela Gazola. **Arquitetura e Urbanismo como fenomenologia do habitar.** Geograficidade / Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. – v. 7, n. 1, verão (2017). Niterói, RJ: UFF, Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.71.a12969>. Acesso em: 25 novembro de 2021.
- FERNANDES, T. S. M. **Entre o espaço público e espaços expositivos: a arte em trânsito de Guga Ferraz.** Palíndromo, Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 077-093, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/217523461226202077>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- FREITAS, Sicília Calado. **Arte, cidade e espaço público: perspectivas estéticas e sociais.** In: I ENECULT - I Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/biblioteca_enecult_2005.html. Acesso em: 01 maio de 2022.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar.** In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.
- “...Poeticamente o homem habita...”. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LARA, Camila. **A importância da memória para a construção da identidade.** História e democracia: possibilidades do saber histórico. XIII Encontro Regional de História. Coxim, MS. 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/site/anaiscomplementares#L>. Acesso em: 28 junho de 2022.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFONI, Simoni. **Lugares de memória: trabalho, cotidiano e moradia.** Revista Memória em Rede, Pelotas, v.7, n.13, Jul./Dez.2015, pp. 69-82. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/rmr.v7i13.6306>. Acesso em: 23 março de 2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, vol. 27, núm. 53, janeiro-junho, 2007, pp. 11-23. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26305302>
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RAMALHO, Daniela. **Rio Tamanduateí - nascente a foz. Percepções da paisagem e processos participativos.** Paisagem Ambiente: ensaios, n. 24,2007, p. 99 - 114. São Paulo, Brasil.
- SIMÕES, Arthur. **Caminhar, descobrir e projetar: reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo.** Revista Jatobá, v.2, e- 63426, Goiânia, 2020.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar.** In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.** Porto Alegre: Bookman, 2011.
- SANTOS, Milton. **Uma Necessidade Epistemológica: A distinção entre paisagem e espaço** In: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006, p.66-71.
- _____. **Rugosidades do espaço e divisão social do trabalho.** In: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006, p.91-92.
- _____. **O processo espacial: O acontecer solidário.** In: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006, p.108-110.
- WEHMANN, Hulda. **Habitar a paisagem. O reconhecimento da experiência estética como direito à cidade.** Tese de Doutorado - FAU USP. Área de Concentração: Paisagem e Ambiente, São Paulo, 2019.
- ZADRA, Newton. **Vila Prudente - do bonde a burro ao metrô: um relato histórico sobre o grande airro paulistano.** São Paulo: Ed. do autor. 2010.

referências bibliográficas